

O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias sob o olhar da teoria da complexidade e da análise de domínio

Liliane Vieira Pinheiro
Lígia Maria Arruda Café
Edna Lúcia da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil

REVIEW

Resumo

Objetivo. Pesquisa que propôs pensar o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias inspirado na Teoria da Complexidade e na Análise de Domínio. Buscou aporte teórico na Teoria da Complexidade de Morin e no paradigma social da Ciência da Informação, mais especificamente na Análise de Domínio de Hjørland, para pensar como poderiam ser tecidas diretrizes para o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias de forma a enfrentar os desafios da contemporaneidade.

Método. Estabelece como caminho metodológico os pressupostos da Teoria da Complexidade e a perspectiva qualitativa para a abordagem do problema. Para tal, conta com quatro dimensões de análise: epistemológica, do pensamento registrado, do pensamento institucionalizado e do pensamento vigente

Resultados. Os resultados indicam que o Desenvolvimento de Coleções engloba inúmeros elementos e enfrenta dificuldades, é orientado ao atendimento das demandas da instituição e usuários, requer a participação da comunidade acadêmica, inclusive na elaboração da política, que deve ser alinhada à missão da instituição e atualizada constantemente.

Conclusão. Conclui que pensar sobre as diretrizes para o Desenvolvimento de Coleções, adotando a perspectiva social da Análise de Domínio e baseado no anel tetralógico de Morin, contribui para o desnudamento de questões que envolvem esse processo em bibliotecas universitárias.

Palavras-chave

Análise de domínio; Bibliotecas universitárias; Desenvolvimento de coleções; Teoria da complexidade

The collection development in university libraries in the view of complexity theory and domain analysis

Abstract

Objective. This study proposed a reflection on collection development for university libraries inspired by the Complexity Theory and Domain Analysis. A theoretical contribution was sought in Morin's Complexity Theory and in the social paradigm of Information Science, more specifically in Hjørland's Domain Analysis, to think about how guidelines could be woven for the Collection Development in university libraries in order to face the challenges of *Contemporaneity*.

Method. It establishes the Complexity Theory assumptions and the qualitative perspective to approach the problem. To do so, it relies on four analysis dimensions: the epistemological, the published thinking, the institutionalized thinking and of the current thinking.

Results. The results indicate that collection development includes innumerable elements and faces difficulties, it is guided by institutional and users demands, it requires the participation of the academic community, including in drafting the policy, which should be aligned to the mission of the institution and constantly updated.

Conclusions. It concludes that thinking about the guidelines for Collection Development, adopting the social perspective of the domain analysis and based on Morin's tetralogical ring, contributes to the denudation of issues surrounding that process in university libraries

Keywords

Collection development; Complexity theory; Domain analysis; University libraries

1 Introdução

A condução desta pesquisa flui da convicção de que é preciso perceber o objeto de estudo de forma multidimensional em lugar de se adotar uma percepção reducionista e cartesiana. Trata-se da intenção de pensar dialogicamente o processo de Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias considerando que esse pode ser constituído, modificado, destruído e regenerado a partir de princípios e forças contrárias. Por coleção¹ em bibliotecas, nesta pesquisa, denomina-se o conjunto de materiais (impressos, filmes, microfimes, discos, vídeos e semelhantes) selecionados e organizados para fins de estudo, pesquisa e/ou leitura geral (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

Como justificativa para a escolha do tema, elenca-se o fato de que, embora as concepções da Sociedade Pós-moderna revelem a proeminência do sistema de transmissão do conhecimento e da aprendizagem orientados pela tecnologia, as bibliotecas continuam providenciando “um contexto intelectual para guarda, preservação e troca de conhecimento” e a modernização da infraestrutura das instituições de ensino superior não deve descartar “a preservação das tradições institucional e acadêmica, inclusive as propriedades físicas e coleções, que em muitos casos representam uma parte da herança nacional e universal e da herança arquitetural” (UNESCO, 1999, p. 73-74). A pesquisa também se justifica pelo ineditismo de se pensar o processo de Desenvolvimento de Coleções a luz dos princípios da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio e espera-se que esse enfoque dado ao tema possa trazer reflexões quanto ao conteúdo programático da disciplina Formação e Desenvolvimento de Coleções dos Cursos de Biblioteconomia e quanto à formação de estudantes dessa área. Igualmente, espera-se que os resultados viabilizem perspectivas diferentes para a prática de bibliotecários, especialmente, dos que atuam e gerenciam o processo de Desenvolvimento de Coleções e dos gestores de bibliotecas universitárias.

Nessa visão, a pesquisa encaminhou-se sobre como pensar o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias com fios distintos que pudessem representar um olhar mais complexo e flexível para esse objeto de estudo, isto é, de forma multidimensional. Buscou-se, dessa maneira, aporte teórico no pensamento complexo e no paradigma social da Ciência da Informação, mais especificamente na Análise de Domínio. Inspirada nos fundamentos do pensamento complexo, buscou pensar essa questão sob várias dimensões, contrapondo noções antagônicas, isso porque “a desordem, o obscurecimento, a incerteza, a antinomia, fecundam um novo tipo de compreensão e de explicação, a do pensamento complexo” (MORIN, 1997, p. 344). E pela Análise de Domínio buscou introduzir diretrizes para o Desenvolvimento de Coleções numa perspectiva social, considerando as comunidades discursivas no âmbito das universidades.

A questão que norteou o desenvolvimento da pesquisa foi assim definida: Como olhar o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio? Para viabilizar a reflexão dessa questão, o objetivo geral foi definido em analisar o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias com base na Teoria da Complexidade e na Análise de Domínio. Como objetivos específicos foram definidos: extrair da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio subsídios norteadores para o processo de Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias; sistematizar o pensamento registrado na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias visando coletar características específicas dessa dimensão de análise; verificar o que está formalizado nas políticas de Desenvolvimento de Coleções nas bibliotecas das universidades federais brasileiras visando coletar características específicas dessa dimensão de análise; levantar a visão dos atores envolvidos no processo decisório sobre o Desenvolvimento de Coleções em suas bibliotecas universitárias visando coletar características específicas dessa dimensão de análise; traçar diretrizes que mostrem a possibilidade de incorporação dos princípios da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio no processo de Desenvolvimento de Coleções integrando aspectos das diversas dimensões analisadas.

2 Fundamentação teórico-metodológica

A Teoria da Complexidade foi eleita para fundamentar teórica e metodologicamente por se entender que o processo de Desenvolvimento de Coleções requer um olhar multidimensional. Nessa perspectiva, buscou-se associar e integrar diferentes elementos; lidar com a incerteza, com a ordem e desordem do ambiente; e reconhecer as interações entre indivíduo e sociedade. Esboçar caminhos para o Desenvolvimento de Coleções

nessa linha conduziu para que esse processo fosse visto também na perspectiva social da Ciência da Informação, o que levou esta pesquisa a buscar interlocução com a Análise de Domínio.

2.1 A Teoria da Complexidade

Compreender o processo de Desenvolvimento de Coleções de forma aberta e multidimensional requer que se explore e explique os fundamentos da Teoria da Complexidade no sentido de Morin (1989, 1997, 1999, 2001, 2002, 2003a, 2003b, 2005, 2010, 2011).

Pensar sob as lentes da Teoria da Complexidade é respeitar as diversas dimensões do fenômeno estudado; é contrapor concepções concorrentes e antagônicas visando à complementaridade por meio de um movimento que as associa. Significa, igualmente, admitir que “o pensamento complexo comporta em seu interior o princípio de incompletude e de incerteza” (MORIN, 2005, p. 177). Nessa linha, o homem é visto na perspectiva da Complexidade como “um ser biológico-sociocultural e [...] os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc” (MORIN, 2005, p. 177).

Os princípios que regem a Complexidade, na perspectiva de Morin, são:

a) princípio sistêmico ou organizacional: liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo de forma que não se pode conceber o todo sem conceber as partes e não se pode conceber as partes sem conhecer o todo (MORIN, 2003a; 2010);

b) princípio hologramático ou hologrâmico: evidencia o paradoxo dos sistemas complexos; não apenas a parte está no todo como o todo está inscrito na parte (MORIN, 2003a; 2010);

c) princípio do circuito retroativo: rompe com o princípio de causalidade linear; a causa age sobre o efeito e o efeito age sobre a causa, num equilíbrio dinâmico que regula o sistema (MORIN, 2003a; 2010);

d) princípio do circuito recursivo: supera a noção de regulação com as de autoprodução e auto-organização. Os produtos e os efeitos são produtores e causadores daquilo que os produz (MORIN, 2003a; 2010). A sociedade é produzida pelas interações entre os indivíduos, e tal sociedade produzida também retroage sobre os indivíduos e os produz;

e) princípio de auto-eco-organização (autonomia/dependência): os sistemas têm uma dinâmica própria que se sustenta por uma relação de dependência com o ambiente. Os seres vivos são auto-organizadores, pois não param de se produzir e dependem de energia para manter a sua autonomia (MORIN, 2003a; 2010);

f) princípio dialógico possibilita manter a dualidade na unidade, ou seja, associar termos complementares e antagônicos. A essência da complexidade é justamente a impossibilidade de homogeneizar e de reduzir. É o jogo dialógico que produz o complexo (MORIN, 2010);

g) princípio da reintrodução daquele que conhece em todo conhecimento: opera a restauração do sujeito. Reconhece a interferência do sujeito, pois “todo conhecimento é uma reelaboração/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas” (MORIN, 2003a, p.18).

A Complexidade oscila entre ordem/desordem/organização a partir da constatação empírica de que fenômenos desordenados são necessários em algumas condições e casos, para a produção de fenômenos organizados, contribuindo para o aumento da ordem (MORIN, 2011). Apenas nas últimas décadas do século XX se deu conta de que “a desordem e a ordem, sendo inimigas uma da outra, cooperavam de certa maneira para organizar o universo” (MORIN, 2011, p. 61). A junção das noções de ordem, desordem e organização foram representadas por Morin (1997) no anel tetralógico (figura 1), cujos elementos não podem ser isolados e só adquirem “sentido na sua relação com os outros”, por isso, devem ser concebidos em conjunto, considerando que as interações entre eles são complementares, concorrentes e antagônicas (MORIN, 1997, 1999, 2001).

Figura 1. Anel tetralógico.



Fonte: Morin (1997, p. 58).

Morin (2011) alerta para a impossibilidade de um método ser fechado e indica pistas para a elaboração de um caminho. Como método, a Teoria da Complexidade proporciona um ir e vir; não é uma receita, mas uma resposta; não é um desafio, mas uma motivação para pensar (MORIN, 2005, p. 176).

O sujeito e sua participação no processo de conhecer são essenciais na aplicação da Teoria da Complexidade. Evita-se a disjunção e a anulação do sujeito e do objeto, ambos são inseparáveis (MORIN, 1999), constitutivos um do outro (MORIN, 2011), necessários e inerentes um ao outro no mesmo circuito dialógico (MORIN, 1999). Somando a isso, Morin (1997, p. 345) destaca que “[...] os objetos já não são unicamente objetos, as coisas já não são coisas; todo o objeto de observação ou de estudo deve doravante ser concebido em função de uma organização, do seu meio e do seu observador”.

2.2 Análise de Domínio

Ao buscar na Ciência da Informação teorias que pudessem dialogar com a Teoria da Complexidade e ajudar a pensar o processo do Desenvolvimento de Coleções, elegeu-se o paradigma social que compreende a informação como um fenômeno social, cuja produção e uso estão vinculados com a dimensão social (CAPURRO, 2003). Tal paradigma aplicado à Análise de Domínio visa à compreensão da informação perpassando pelo estudo dos domínios de conhecimento via comunidades discursivas, pois o entendimento é que o conhecimento é formado por meio de relações dialéticas entre a comunidade e seus membros (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

A abordagem da Análise de Domínio foi apresentada por Hjørland e Albrechtsen (1995) como uma forma de abordagem para os estudos e pesquisas em Ciência da Informação. Tal abordagem defende que a melhor maneira de compreender a informação é estudar os domínios de conhecimento via comunidades discursivas, entendidas pelos autores como partes da divisão do trabalho na sociedade (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2004a). Organização do conhecimento, estrutura, padrões de cooperação, formas de linguagem e comunicação, sistemas de informação e critérios de relevância são reflexos dos objetos de trabalho dessas comunidades e de seu papel na sociedade (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

A comunidade discursiva é aquela em que o processo de comunicação ordenado e limitado ocorre. Esse ponto de vista muda o foco da Ciência da Informação dos indivíduos para o desenvolvimento social, cultural e científico (HJØRLAND, 2002b). Cabe reafirmar que a Análise de Domínio enfatiza a exploração de ambientes sociais específicos, como ciências e humanidades e seus documentos, gêneros e sistemas simbólicos, questões qualitativas relacionadas à evolução histórico-cultural, bem como para sistemas de documentação dos diferentes domínios (HJØRLAND, 2004b).

Hjørland e Hartel (2003) afirmaram que os estudos de domínios devem considerar a interação complexa de fatores ontológicos, epistemológicos e sociológicos que influenciam o desenvolvimento de campos de conhecimento. É fundamental perceber que os domínios são dinâmicos, pois, à medida que o conhecimento se desenvolve e evolui, a visão das estruturas do mundo e as relações entre diferentes conceitos mudam simbioticamente.

A dimensão ontológica indica o estudo dos tipos e estruturas de objetos, propriedades, eventos, processos e relações em todas as áreas da realidade. Quando questões de ontologia são abordadas dentro de domínios, muitas vezes envolvem a explicação de termos como estes: zonas, domínios, elementos, campos, tipos, objetos, problemas e assuntos (HJØRLAND; HARTEL, 2003).

A dimensão epistemológica está relacionada ao estudo do conhecimento e como obtê-lo, incluindo a observação, análise teórica, linguagens, tradições e valores na produção de conhecimento. Diversas visões epistemológicas influenciam um domínio, a cultura, as práticas e as formas de informação. Questões epistemológicas em domínios estão conectadas a termos como: abordagens, metateorias, movimentos, paradigmas, filosofias (da disciplina x), regimes, escolas (de pensamento e investigação), sistemas (de pensamento e investigação), tradições, tendências (num campo) e pontos de vista. As tentativas de classificar um domínio em organização do conhecimento sem levar em conta como diferentes paradigmas são considerados no campo pode ser problemático (HJØRLAND; HARTEL, 2003). Hjørland e Hartel (2003) ressaltaram que mais importante do que uma definição clara de domínio, preocupação explicitada por Tennis (2003), é que a Análise de Domínio inicie com um estudo interpretativo de um assunto ou comunidade de interesse, para descobrir os interesses subjacentes e diferentes concepções da área e em seguida negociar uma definição ideal do domínio. Assim, o pesquisador entrelaça várias noções contemporâneas do domínio, bem como as suas histórias recentes, antes de chegar a uma conclusão do conteúdo e fronteiras dos domínios.

A dimensão sociológica é central na Análise de Domínio e denota o estudo dos domínios de conhecimentos como pensamento ou comunidades discursivas; volta-se aos grupos de pessoas trabalhando com alguns objetos, aplicando algumas abordagens. Tal dimensão está relacionada a conceitos como: disciplinas, subdisciplinas, comunidades discursivas, comunidades epistêmicas, profissões, especialidades, sistema social de ciência, uma variedade de coleções da vida cotidiana (passatempos, amadores, entusiastas). Também ressaltaram que grupos de trabalho podem ser vistos como campos mais ou menos multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares, e suas semânticas devem refletir o estágio atual de desenvolvimento do grupo de trabalho (HJØRLAND; HARTEL, 2003).

A Análise de Domínio provê uma fundamentação de forma sistemática para a organização do conhecimento (HJØRLAND, 2008). Para o autor, as atividades resultantes da organização do conhecimento devem refletir as necessidades de um determinado grupo de usuários ou um determinado propósito ideal. A organização do conhecimento no sentido amplo, conforme explicitado por Hjørland (2008), volta-se à divisão social do trabalho mental, à organização de universidades e outras instituições de pesquisa de educação superior, à estrutura de disciplinas e professores, à organização social da mídia, à produção e à disseminação do conhecimento.

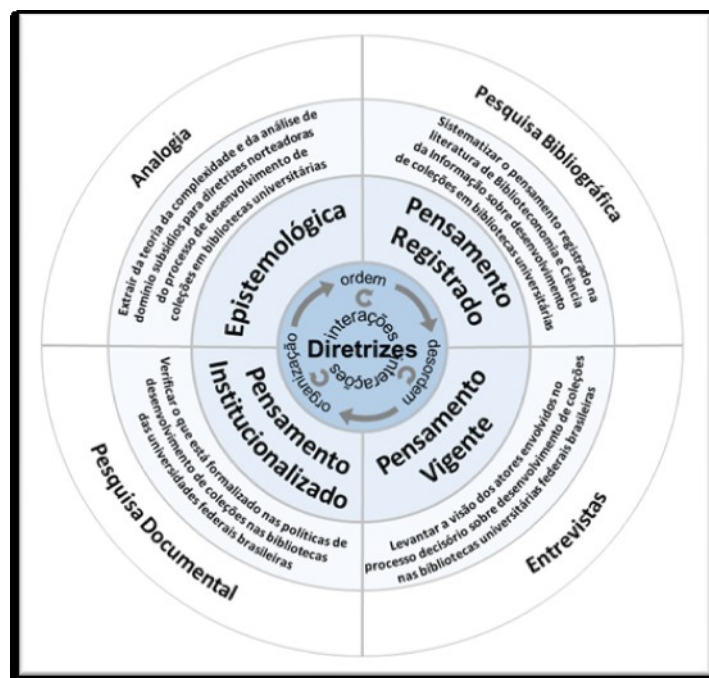
3 Procedimentos metodológicos

O pensamento complexo propõe "o método como caminho, ensaio gerativo e estratégia *para e do* pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente, não-abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar *em e durante* o seu caminho" (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 19, grifos do autor).

A perspectiva do pensamento complexo requer que se leve em conta as diversidades, as pluralidades de referências, as múltiplas leituras e visões diferentes, e requer o entendimento de que a provisoriade está sempre presente na dinâmica processual que permeia os fenômenos em geral.

O processo de pesquisa é subjetivo, dinâmico e reflexivo, logo resulta em uma abordagem qualitativa do problema. A pesquisa qualitativa requer uma variedade de fontes de dados, por isso a presente pesquisa, realizada na perspectiva da complexidade, contará com variadas dimensões de análise, que serão as estratégias usadas para a consecução dos objetivos, conforme figura 2.

Figura 2. Mandala da pesquisa.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2017)

A **dimensão epistemológica** teve os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa como fonte de dados, isto é a revisão realizada sobre a Teoria da Complexidade e a Análise de Domínio, buscando, via analogia, aproximações e complementaridades para extrair subsídios que pudessem introduzir a perspectiva social da Ciência da Informação na formulação das diretrizes almejadas na pesquisa realizada. A analogia, explicada por Morin (1999, p. 153), é capaz de gerar “um conhecimento do semelhante pelo semelhante que detecta, utiliza, produz similitudes de modo a identificar os objetos ou fenômenos que percebe ou concebe”.

A analogia como técnica de pesquisa permite a comparação entre dois temas para “ressaltar semelhanças ou diferenças” (VERGARA, 2005, p. 37). Vergara (2005, p. 39) explica que o emprego da analogia permite “um novo olhar sobre os fenômenos”, “requer do pesquisador criatividade no momento de elaboração e habilidade de argumentação” e, também, para comunicar as conclusões a que chegou. O sentido da analogia, conforme Morin (1999), é organizacional e funcional, pois obedece a princípios de identificação. Segundo Morin (1999, p. 157), “as analogias organizacionais permitem a formação de homologias que suscitam princípios organizadores”. Então, foram detectados princípios organizadores semelhantes, aproximações e relações entre a Teoria da Complexidade e a Análise de Domínio. Para tal, considerou-se que as relações concorrentes e antagônicas podem ser complementares.

A **dimensão do pensamento registrado** teve a pesquisa bibliográfica como fonte de dados e buscou detectar o pensamento presente na literatura internacional sobre o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias. Nesta etapa, foram extraídos os pontos de vista dos autores sobre o Desenvolvimento de Coleções ou sobre aspectos relacionados a essa questão nos artigos publicados em âmbito nacional e internacional, no período de 2011 a 2015. Os artigos do *corpus* desta etapa foram levantados nas principais bases de dados, especializadas em Ciência da Informação e Biblioteconomia, disponíveis no Portal de Periódicos da Capes, tais como *Library and Information Science Abstracts* (LISA) e *Library Information Science & Technology Abstracts* (LISTA), e em outras bases multidisciplinares: *Web of Science*, *Wiley Online Library*, *Emerald* e *Scopus* (Elsevier) e na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Para tal, foram utilizados os descritores *collection development*, *collection building* associados com os descritores *academic library*, *academic libraries*, *university library* e *universities libraries*, de modo a restringir que o desenvolvimento de coleção estivesse sendo tratado no âmbito de bibliotecas universitárias. Tais descritores foram utilizados nos campos título e palavras-chave.

Alguns artigos foram identificados em mais de uma base de dados. Após a eliminação das duplicidades o *corpus* ficou constituído por 64 artigos. O levantamento foi realizado no período de 1º a 10 de maio de 2015, atualizado no período de 1º a 10 de março de 2016 e novamente entre 5 e 14 de setembro de 2016.

A **dimensão do pensamento vigente** teve como fonte de dados entrevistas, que visaram capturar como os gestores desse processo nas bibliotecas universitárias percebem a formação e o Desenvolvimento de Coleções em suas organizações. As entrevistas foram utilizadas para “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito”, permitindo, no caso desta pesquisa, ao investigador “desenvolver intuitivamente uma ideia sobre como os sujeitos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134), mais especificamente como os gestores das atividades do Desenvolvimento de Coleções nas bibliotecas universitárias, agem em determinadas situações do seu trabalho. A entrevista objetivou “a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 181), ou seja, buscou a obtenção de dados referentes à prática profissional não explicitados nas políticas de Desenvolvimento de Coleções. Esta etapa visou captar a percepção dos profissionais sobre a coleção de uma biblioteca universitária, sua função e escopo dentro de suas organizações, e cumpre a função de considerar o pensamento vigente sobre essa questão nas universidades brasileiras.

Um roteiro com questões abertas serviu de orientação para a realização das entrevistas e essas entrevistas foram realizadas com os gestores dos processos de Desenvolvimento de Coleções nas bibliotecas universitárias das mesmas universidades já selecionadas na etapa anterior, mesmo daquelas que ainda não possuíam a política de Desenvolvimento de Coleções ou outro documento formalizado para delinear o processo estudado. Para tal, foram contatados os profissionais das instituições, e 19 gestores aceitaram participar da pesquisa, do total de 26 instituições selecionadas. Os estados representados nesta etapa da pesquisa foram: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. As entrevistas foram possíveis devido à utilização dos recursos tecnológicos de videoconferência do *Skype* ou do *Google Hangouts* para contato entre o profissional e o pesquisador. Buscou-se a fluidez da conversa entre as partes, de modo que os dados necessários emergissem naturalmente e que a intermediação do pesquisador fosse tranquila e acolhedora.

Por fim, o **pensamento institucionalizado** foi detectado por meio de pesquisa documental realizada nas políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias federais brasileiras. Nesta etapa foram levantadas e analisadas as políticas ou documentos que regiam o Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas de algumas universidades federais. A escolha das universidades ocorreu a partir dos dados do E-MEC². Assim, foram escolhidas duas bibliotecas de universidades federais por estado brasileiro, uma universidade mais antiga e outra criada recentemente. Para selecionar a universidade mais consolidada entre as antigas, verificou-se a mais bem classificada no *Ranking Universitário Folha*, baseado no *ranking* no grupo *Quacquarelli Symonds*³ para estabelecer a que tem mais prestígio, procedimento igualmente adotado para a seleção das universidades criadas recentemente. Acreditou-se que tal escolha permitir contrapor políticas de seleção de bibliotecas de universidades consolidadas e de bibliotecas criadas recentemente, isto para se verificar se esses fatores refletiram nas políticas de Desenvolvimento de Coleções em tais bibliotecas universitárias. Os estados representados nesta etapa da pesquisa foram: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Dentre as bibliotecas das 26 universidades selecionadas, foram analisadas as políticas de Desenvolvimento de Coleções disponíveis na *homepage* das instituições ou obtidas por intermédio de solicitação via correio eletrônico, totalizando 23 políticas ou documentos que delineiam o Desenvolvimento de Coleções nas instituições analisadas, que para a análise dessa dimensão foram identificados numericamente (documentos 1 a 23).

Os conhecimentos obtidos em cada dimensão não se somaram linearmente, mas sempre que pertinentes foram inter-relacionados. Na **última etapa desta pesquisa**, o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias foi analisado considerando as interações entre as dimensões de análise, inspirada na ideia do movimento espiral do turbilhão (MORIN, 1997), que surge a partir de fluxos antagônicos que interagem um sobre o outro e “se combinam mutuamente num anel que retroage enquanto todo sobre cada momento e elemento do processo” (MORIN, 1997, p. 173). Com base no pensamento complexo, “toda a explicação, em vez de ser reducionista/simplificadora, deve passar por um jogo retroativo/recorrente que se torna gerador de saber” (MORIN, 1997, p. 346).

Cabe esclarecer que esta é uma pesquisa qualitativa, paulatinamente construída e desenvolvida para que, dos processos de análise empreendidos nas diferentes dimensões, emergissem subsídios para se pensar o Desenvolvimento de Coleções.

4 Resultados das dimensões de análise

A **primeira dimensão de análise** foi epistemológica, realizada por analogia entre os conceitos principais da Teoria da Complexidade de Morin e da Análise de Domínio de Hjørland, tendo como base a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa.

Ao aproximar os princípios da Teoria da Complexidade com a abordagem da Análise de Domínio via analogia, pode-se perceber que o princípio sistêmico-organizacional na Análise de Domínio considera que os indivíduos são pertencentes a diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento e que não devem ser vistos independentemente disso. Também, deve-se estudar as questões de informação considerando o todo organizado, ou seja, as comunidades discursivas, compostas pelos indivíduos com suas visões de mundo e sua trajetória social e histórica, bem como os diferentes elementos que estão presentes na organização do domínio.

O princípio holográfico está presente ao reconhecer a interação entre as estruturas de domínio e conhecimento individual, e ao considerar o indivíduo como membro de comunidades discursivas ligado pelo pensamento, linguagem e conhecimento. A Análise de Domínio também supera o reducionismo ao se tornar uma alternativa frente ao individualismo metodológico, que vê os indivíduos e os processos cognitivos isolados do contexto social (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

O princípio de autonomia/dependência, que considera os seres vivos como auto-eco-organizadores, apresenta-se na Análise de Domínio na noção de que o indivíduo tem sua identidade própria e capacidade para produzir conhecimento, mas está inserido em uma comunidade discursiva, da qual obtém informação para desenvolver o seu trabalho. De forma similar, alguns domínios também extraem informação de outros domínios para produzir conhecimento (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). A busca de informação em outros domínios está relacionada à interdisciplinaridade, ou ainda, à articulação, cooperação e troca entre campos do conhecimento compartimentados (MORIN, 2002).

O princípio do circuito retroativo na Análise de Domínio está relacionado à ideia de os critérios de relevância e as necessidades de informação serem moldados em comunidades discursivas (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995) e, influenciam e são influenciados pela informação produzida e utilizada no domínio.

O princípio do circuito recursivo ou da recursão organizacional indica o papel ativo dos membros da comunidade discursiva, pois participam da organização do domínio (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995), são produtores e usuários da informação produzida no domínio. Assim, ao participarem do domínio de conhecimento, os indivíduos contribuem para a sua elaboração e expansão, mas, ao integrá-lo, conforme HJØRLAND (2002a), se unem pelo pensamento, linguagem e conhecimento

O princípio dialógico permite manter a dualidade no seio da unidade, associa noções contraditórias, e na Análise de Domínio está relacionado ao reconhecimento de que o conhecimento é formado por meio de relações dialéticas entre a comunidade e seus membros. E também aponta que em uma comunidade discursiva existem visões conflitantes sobre o que é necessário e relevante. Cada domínio tem variações no sistema de informação devido aos diferentes paradigmas, e, mesmo que a tendência seja de buscar a visão dominante, é importante considerar diferentes horizontes (HJØRLAND; HARTEL, 2003) e associá-los para conceber a organização do domínio.

O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento está relacionado ao caráter construído da informação, pois “o objeto do conhecimento comporta necessariamente as operações/construções/traduições do sujeito” (MORIN, 1999, p. 232). Na Análise de Domínio, o entendimento do que é informação varia em cada comunidade discursiva (CAPURRO; HJØRLAND, 2007) e cada domínio tem variações no seu sistema de informação (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). O usuário com sua visão de mundo é membro de uma comunidade discursiva, é influenciado pelas dimensões social, cultural e histórica, e a sua subjetividade está presente na elaboração do conhecimento dos domínios (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995).

A **segunda dimensão de análise** englobou o pensamento registrado na literatura e teve como fonte de dados a pesquisa bibliográfica, visando identificar o que foi veiculado sobre o Desenvolvimento de Coleção ou sobre aspectos relacionados a esse processo nos principais periódicos científicos da área.

Com base na literatura analisada, constatou-se que as bibliotecas universitárias destacaram o papel das coleções para apoiar as atividades desenvolvidas na universidade e reconheceram o Desenvolvimento de Coleções como um processo contínuo e complexo. Ficou evidenciado que esse processo requer a consideração das necessidades de informação e das transformações nos registros do conhecimento e da comunicação científica, o envolvimento com a comunidade acadêmica em todas as áreas de atuação da instituição e o uso das tecnologias para facilitar as atividades envolvidas no processo. Também foram abordadas as restrições orçamentárias, a preocupação com o formato dos materiais incorporados ao acervo, a importância das políticas, o papel do bibliotecário no processo e a tendência para a aquisição sob demanda evidenciando o prisma do imediatismo, do consumismo e do utilitarismo no processo. O processo é simplificado em função da busca pela eficiência e eficácia. A busca por apoio via recursos externos e a aquisição sob demanda e de grandes pacotes transformam a seleção em um processo mecânico ou até ausente.

Com base na dimensão do pensamento registrado, foi possível extrair os seguintes subsídios para se pensar o Desenvolvimento de Coleções com base no reconhecimento da multidimensionalidade:

a) coleções formadas para diferentes usos acadêmicos, com a inclusão de recursos variados (PEOPLES; TIELLEY, 2011; TOREN, 2011; MORRIS, 2012; PERRET, 2012; THOMAS; CLYDE, 2013; PROCTOR; BARSTON, 2013; MARSHAL, 2014; DEMPSEY; MALPAS; LAVOIE, 2014), considerando a coexistência de impressos e eletrônicos (VASILEIOU; ROWLEY; HARTLEY, 2012; JINDALL; PANT, 2013; WELLS; SALLENBACH, 2015), as demandas acadêmicas (MORRIS, 2012; BEHR; HILL, 2012; COSTELLO, 2014; KACHALUBA; BRADY; CRITTEN, 2014) e que propiciem novas experiências aos usuários (MORRIS, 2012);

b) intensificação de atividades de captação de recursos financeiros, a aquisição de materiais somente quando solicitados (SCHROEDER, R., 2012; LEVINE-CLARK, 2014; TYNAN; MCCARNEY, 2014; FERRIS; BUCK, 2014; PROCTOR, 2015), a participação em consórcios (KIEFT; PAYNE, 2012; CHAPUTULA, 2014; BOOTH; O'BRIEN, 2011; DAVIS, 2012) e a utilização dos programas de doações (ADEYOMOYE, 2011; GRGIC, 2011) e intercâmbio (ADEYOMOYE, 2011) de materiais e dos recursos de forma eficaz (KASALU; OJAMBO, 2012) estão entre as alternativas para driblar as restrições orçamentárias;

c) formação das coleções respaldada nos estudos sobre a comunidade, considerando hábitos, preferências, demandas e necessidades de informação (MILLER; HARDER, 2014; KETTERMAN; HOOVER; CABLE, 2012; HUSSAIN; ABALKHAIL, 2013), conhecimento da coleção existente (MILLER; HARDER, 2014; KETTERMAN; HOOVER; CABLE, 2012), e na disponibilidade de materiais eletrônicos (LINK, 2012; VASILEIOU; ROWLEY; HARLEY, 2012; JINDAL; PANT, 2013; COSTELLO, 2014);

d) a ausência de políticas afeta as práticas de Desenvolvimento de Coleções (CHAPUTULA; KANYUNDO, 2014), pois são as políticas de Desenvolvimento de Coleções que garantem consistência ao processo, auxiliam no planejamento estratégico (PICKETT et al., 2011) e como instrumento de marketing (FOUGHT; GAHN; MILLS, 2014) informam a comunidade sobre como a biblioteca cumpre a sua função (MANGRUM; POZZEBON, 2012);

e) seleção baseada em fontes e instrumentos auxiliares, como listas de prêmios (TALER, 2011), listas anotadas e editores (SPAHR; WILGAND, 2012) especialmente para identificação de materiais interdisciplinares (LAWSON; KING; MATAVA, 2012), e nas demandas e interesses dos docentes e departamentos (MORRIS; CURRIE, 2014; SOUZA, 2015);

f) programas de aquisição sob demanda são considerados como um meio complementar para processos de aquisição (SCHROEDER, R., 2012; DAVIS, 2012; TYNAN; MCCARNEY, 2014; FERRIS; BUCK, 2014; TYLER et al., 2014; PROCTOR, 2015; WELLS; SALLENBACH, 2015) e para a obtenção rápida do material almejado pelo usuário (TYLER et al., 2014; FERRIS; BUCK, 2014; DOWNEY et al. 2014; WELLS; SALLENBACH, 2015);

g) avaliação pautada em modelos multidimensionais (BORIN; YI, 2011), com emprego de mais de uma abordagem (DANIELSON, 2012), ferramentas múltiplas (KELLY, 2014) e flexíveis (DUNCAN; O'GARA, 2015) com a associação de conjunto de dados (PEDERSEN; ARCAND; FORBIS, 2014) quantitativos e qualitativos e de fatores adicionais (DUNCAN; O'GARA, 2015), como idade dos materiais citados (SPENCE; MAWHINNEY; BARKSKY, 2012), uso (KOHN, 2013; LADWIG; MILLER, 2013; LANNON; MCKINNON, 2013), variação do uso

conforme as disciplinas, e ainda, estudos que aprofundem outros aspectos do uso dos recursos (SCHROEDER, H., 2012);

h) desbaste considerando critérios como as estatísticas de uso (SMITH, 2012), as necessidades de informação dos usuários (DETMERING; SPROLES, 2012; SMITH, 2012), disponibilidade de acesso on-line (THOMAS; SHOUSE, 2012), interesse histórico (SMITH, 2012), papel cultural da biblioteca (KIEFT; PAYNE, 2012) e a pertinência e relevância das coleções para as atividades da instituição (THOMAS; SHOUSE, 2012; JOHNSON, FINLEY; SPROLES, 2015);

i) visibilidade e uso das coleções ampliados com a sua promoção e divulgação (LITTLE, 2011; BOUDEWYNS; KLUG, 2014; FOUGHT; GAHN; MILLS, 2014), e também com a ampliação dos canais de comunicação (MORRIS; CURRIE, 2014; GIRI; SEN; MAHESHI, 2015) e maior comprometimento entre biblioteca e usuários (DIERS; SIMPSON, 2012; MILLER; HARDER, 2014; BOUDEWYNS; KLUG, 2014) com participação mais ativa dos bibliotecários (SOUZA, 2015; GIRI; SEN; MAHESHI, 2015);

j) flexibilidade (DOUGLAS, 2011), cultura organizacional (PICKETT et al., 2011), critérios para a tomada de decisão (MANGRUM; POZZEBON, 2012) e visão mais ampla (MICHALAK, 2012; MORRIS; CURRIE, 2014) considerados na elaboração da política de Desenvolvimento de Coleções;

k) ações para digitalização de conteúdos, criação de repositórios institucionais (LEWIS, 2013; SAN JOSE MONTANO, 2014), curadoria (LEWIS, 2013; LEVINE-CLARK, 2014) e formação de coleções especiais (LEWIS, 2013; DEMPSEY; MALPAS; LAVOIE, 2014; LEVINE-CLARK, 2014) consideradas no Desenvolvimento de Coleções, assim como os formatos eletrônicos (VASILEIOU; ROWLEY; HARTLEY, 2012; SHEPHERD; ARTEZA, 2014; LEVINE-CLARK, 2014; WELLS; SALLENBACH, 2015) e sua disponibilidade (JINDALL; PANT, 2013), os ativos institucionais (SAN JOSE MONTANO, 2014), e as novas formas de apresentação do conhecimento acadêmico (DEMPSEY; MALPAS; LAVOIE, 2014).

l) a cooperação (BOOTH; O'BRIEN, 2011; DEMPSEY; MALPAS; LAVOIE, 2014; SAN JOSE MONTANO, 2014; GIRI; SEN; MAHESHI, 2015) e o compartilhamento de recursos (KETTERMAN; HOOVER; CABLE, 2012; KIEFT; PAYNE, 2012) possibilitam o aproveitamento adequado dos recursos financeiros (KASALU; OJAMBO, 2012);

m) conservação e preservação das coleções considerando o atendimento aos usuários e as metas institucionais (KIEFT; PAYNE, 2012) e também os diferentes formatos dos recursos de informação (PEOPLES; TILLEY, 2011; SAN JOSE MONTANO, 2014);

n) a coleção é formada por diferentes materiais que possam ser identificados como úteis para atender as necessidades curriculares e institucionais (LEVINE-CLARK, 2014).

A terceira dimensão de análise levantou a visão dos atores diretamente envolvidos e foi constituída pela coleta de dados via entrevistas, visando ao levantamento de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional dos gestores do Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias brasileiras.

Com base nas falas dos gestores do Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias, pode-se constatar que reconhecem a importância do Desenvolvimento de Coleções para a qualidade dos serviços prestados pelas bibliotecas, e também estão cientes de que esse processo requer mais atenção e que a falta de recursos financeiros e de pessoal qualificado são dificuldades existentes. Aparecem nos resultados o reconhecimento da necessidade de atendimento de informação demandadas pelo ensino, pesquisa e extensão, mas que na prática ficam condicionados ao atendimento às bibliografias dos cursos de graduação, com vistas a conseguir bom conceito em indicador relativo ao material bibliográfico existente no instrumento de avaliação de cursos de graduação do Brasil. Além das bibliografias, as indicações da comunidade acadêmica, como os pedidos dos docentes e as sugestões dos alunos são consideradas como critérios de seleção de materiais em algumas instituições. Para detectar as necessidades de informação, os profissionais indicam os estudos sobre a comunidade, dificuldades em realizá-los, levando a um quadro em que tais necessidades são detectadas por meio dos relatórios gerenciais e do contato com o usuário. A seguir algumas falas dos gestores que evidenciam os pontos mais importantes expostos anteriormente:

eu vejo como um assunto muito importante na nossa área, porque o atendimento ao usuário depende disso, do desenvolvimento das coleções (gestor 3)

a gente não dá o devido valor para a formação de coleções, para a seleção e para todos os procedimentos que envolvem o Desenvolvimento de Coleções, [...] tem cada vez menos dinheiro para comprar os materiais, livros (gestor 7)

o Desenvolvimento de Coleções sempre foi relegado a segundo plano (gestor 10);

a quantidade de informações disponíveis no mercado, o universo que nós temos para poder desenvolver nossas coleções é gigantesco, porém, o que acontece é a crise que nós estamos vivenciando, o corte de gastos (gestor 8)

por mais que nos planejemos com base nos critérios, na missão da instituição, na missão da biblioteca universitária, na verdade o que determina é a disponibilidade de verba (gestor 12)

temos problemas de servidores, falta pessoal especializado e, por isso, não conseguimos elaborar toda a documentação que serve de diretriz para as ações. Tem as metas impostas pelo MEC e ao mesmo tempo os cortes do orçamento, que deixam claro que não temos meios de atingir a meta proposta (gestor 13)

o Desenvolvimento de Coleções tem um valor muito grande, infelizmente, às vezes, para a instituição não é dada tanta atenção, tanto é que a gente tem uma equipe reduzida de bibliotecários (gestor 15)

nós não fazemos estudo, nós sugerimos quando fizemos a atualização da política, mas os outros colegas acham que fazer isso é muito difícil, por causa da dimensão da universidade, por causa dos muitos campi, das muitas bibliotecas. Acabou que não se faz, eles acabam utilizando como instrumento os relatórios de atividades, dados de ingressos de alunos (gestor 7)

a comunidade universitária se utiliza da presença física nas bibliotecas ou por meio de e-mails para manifestar a sua necessidade de informação (gestor 2),

todo início do ano letivo é realizado contato com todas as unidades acadêmicas para que apresentem as sugestões bibliográficas (básicas e complementares) para aquisição (gestor 5);

contato com os coordenadores dos cursos, representantes dos alunos, sugestões diretas, os meios para isso variam, mas a tendência crescente é o uso de redes sociais (gestor 8)

a gente escuta bastante e recebe requisição para compra dos bibliotecários da circulação, referência ou bibliotecas setoriais, de quem está na linha de frente, mais em contato com o usuário, e tem sempre o canal aberto no Pergamum que possibilita a gente receber indicação de obras dos usuários (gestor 11)

as necessidades primeiras são determinadas pelos planos de ensino dos cursos da graduação. As demais necessidades são avaliadas por demanda de solicitação, seja pessoalmente, por sugestões vindas dos diversos canais de comunicação da biblioteca com os usuários, das reuniões com docentes, da participação da biblioteca em projetos da universidade, do contato diário dos bibliotecários com os usuários de maneira geral (gestor 12)

Com base na dimensão do pensamento vigente, foi possível extrair os seguintes subsídios para pensar o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias de forma multidimensional:

- a) Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias como um processo que engloba diferentes elementos (gestores 1, 9 e 18) e enfrenta dificuldades, tais como limitações de espaço físico (gestores 3, 4, 6, 12, 13 e 14), orçamento (gestores 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17 e 18), pessoal (gestores 4, 13 e 14), atualização das bibliografias e currículos (gestores 2, 8, 14, 15 e 17) e variedade informacional e mudanças de formato (gestores 11, 17 e 19), cuja importância e prioridade nem sempre é reconhecida nas bibliotecas e suas instituições (gestores 3, 7, 8, 9, 12, 14);
- b) a formação das coleções considera a abrangência (gestores 5, 6, 7, 11, 14 e 18), diversidade (gestores 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16 e 17) e universalidade do conhecimento (gestores 14 e 17), bem como a coleção já existente (gestores 4, 6 e 9), a comunidade atendida (gestores 2, 3, 6, 10, 11 e 13) e as demandas (gestores 3, 10 e 15) como as explicitadas nas bibliografias dos cursos de graduação (gestores 1, 8, 9, 14 e 15);
- c) coleções formadas para dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão (gestores 2, 5, 9, 10, 11, 14, 15, 16 e 18) e englobando as diferentes formas de apresentação da informação (gestores 2, 4, 5, 16, 18 e 19), incluindo as mudanças do meio impresso para o digital (gestores 2, 3, 10, 11 e 18);
- d) políticas de Desenvolvimento de Coleções alinhadas à missão da instituição (gestores 5, 9, 10, 12, 13, 14, 17, 18 e 19), para orientar (gestor 2) e padronizar (gestores 7 e 9) a formação das coleções, elaboradas em interação com a comunidade acadêmica (gestores 1, 6, 7, 10, 12, 15, 16, 18 e 19) e atualizadas constantemente (gestores 3, 8, 11, 14 e 17);

e) seleção orientada ao atendimento das demandas institucionais (gestores 5, 6, 7, 9 e 10), considerando os planos de ensino (gestores 1, 3, 8, 12, 14, 15, 16, 17, 18 e 19) e as solicitações dos docentes (gestores 2 e 13), balizadas pela política de Desenvolvimento de Coleções (11 e 14) e conciliando diferentes pontos de vista (gestor 7);

f) definição de prioridades (gestores 4, 10 e 11), captação de outros recursos (gestores 7, 11 e 13) e recebimento de doações (gestores 4, 10, 12 e 13) como alternativas para lidar com as restrições orçamentárias;

g) manutenção e preservação das coleções, especialmente dos materiais produzidos na instituição (gestores 7, 10 e 19), como parte do entendimento das bibliotecas como locais para conservação do conhecimento e de memória (gestores 5, 6, 10 e 14);

h) envolvimento e participação da comunidade acadêmica no processo (gestor 15), o que já ocorre pelo envio de sugestões (gestores 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12 e 13) ou composição de comissões (gestores 1, 3, 4, 9, 11, 12, 14 e 16);

i) estudo da comunidade para detectar necessidades de informação (gestores 3, 7, 8, 13 e 17) além das indicadas por sugestões (gestores 4, 9, 10 e 15) ou detectadas por relatórios gerenciais (gestores 3, 7 e 15), e buscar conciliar as diferentes demandas da comunidade acadêmica (gestores 3, 11 e 12) e da comunidade externa (gestores 12 e 15);

j) avaliação das coleções baseada no tamanho e crescimento (gestor 5), estatísticas de uso (gestores 5, 7, 9, 12, 16 e 18), na experiência dos profissionais (gestor 6) e na carência de espaço físico (gestor 12 e 16).

A **quarta dimensão de análise** visou capturar o pensamento institucionalizado formalizado em políticas vigentes, constituída novamente pela análise de documentos configurados como políticas de formação e Desenvolvimento de Coleções de bibliotecas universitárias brasileiras. A política de Desenvolvimento de Coleções é o documento que formaliza os anseios da biblioteca quanto às suas coleções e ao atendimento das necessidades informacionais da comunidade acadêmica, e também visa delinear as etapas do Desenvolvimento de Coleções realizado pelo bibliotecário (WEITZEL, 2013).

Com base na análise das políticas, é possível indicar que o Desenvolvimento de Coleções nas bibliotecas universitárias federais está sendo pensado visando à adequação aos interesses institucionais e ao atendimento das necessidades de informação da comunidade acadêmica, contemplando diversos tipos de materiais.

Os documentos elaborados nas universidades federais mais consolidadas e nas criadas recentemente são similares na sua abrangência, enfoque e redação, o que denota que o Desenvolvimento de Coleções está sendo pensado de maneira semelhante nas instituições investigadas, voltado principalmente para a formação de coleções para atender aos cursos de graduação recém-criados, o que também se tornou uma realidade em universidades mais antigas com a expansão do ensino superior. Os pontos que se diferenciam entre as políticas das bibliotecas das universidades mais consolidadas e as políticas das bibliotecas das universidades criadas mais recentemente demonstram que enquanto as bibliotecas de universidades mais antigas contam com uma coleção mais abrangente formada ao longo dos anos e se preocupam com a preservação da memória institucional, formação de coleções especiais e atualização dos suportes, as bibliotecas de universidades criadas mais recentemente ainda trabalham para a formação de uma coleção básica e atendimento da demanda.

Embora as políticas mencionem que as coleções visam ao atendimento às atividades de ensino, pesquisa e extensão, há uma prioridade para o ensino. A ideia de biblioteca como espaço para memória coletiva e preservação do conhecimento produzido pela humanidade não consta como eixos norteadores das políticas, e embora esteja explicitada como objetivos ou associada à seleção, está em segundo plano ou até ausente nas políticas analisadas, possibilitando inferir que o utilitarismo e o imediatismo se sobressaem na formação de coleções em bibliotecas universitárias.

Portanto, com base na análise realizada na dimensão do pensamento institucionalizado foi possível extrair os seguintes subsídios para a proposta de diretrizes para o Desenvolvimento de Coleções:

a) política de Desenvolvimento de Coleções como instrumento de planejamento (documentos 1, 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 16, 18, 20, 21, 22 e 23), organização (documentos 4, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 21 e 22), orientação

(documentos 8, 11, 15, 17, 18 e 21) e acompanhamento do Desenvolvimento de Coleções (documentos 2, 3, 16, 18 e 20);

b) coleções contendo fontes diversificadas (documentos 2, 9, 16, 17, e 20), em vários suportes e atualizadas (documentos 1, 2, 3, 6, 11, 20 e 22) para atender a comunidade acadêmica e dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão (documentos 1, 2, 3, 9, 10, 13, 16, 18, 17, 19, 20 e 22);

c) coleções que contém a produção da instituição (documentos 1, 2, 6, 9, 10, 13, 15, 16, 19, 20 e 23), documentos históricos e raros (documentos 2, 3, 6, 9, 10, 15 e 20) com o intuito de preservação e memória científica da instituição e da humanidade respectivamente;

d) utilização dos recursos financeiros adequadamente (documentos 4, 9, 10, 13, 15, 16 e 21);

e) seleção baseada na adequação aos objetivos da instituição (documentos 2, 3, 4, 7, 9, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22), no conteúdo (documentos 3, 7, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 21 e 23), na adequação ao usuário (documentos 2, 3, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 20 e 23), demanda (documentos 5, 7, 10 e 21), lacunas da coleção (documentos 11, 19 e 21), parâmetros externos (documentos 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19 e 22) e no julgamento de especialistas da área (documento 21);

f) bibliografias básicas e complementares dos cursos de graduação como prioridade para aquisição (documentos 1, 2, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22 e 23);

g) participação da comunidade acadêmica, com o envio de sugestões (documentos 3 e 6) e composição de comissões (documentos 1, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 18 e 19);

h) avaliação considerando tamanho (documentos 2, 11, 18, 20 e 22), distribuição (documentos 1, 6, 10, 11, 14, 15, 22 e 23) e uso da coleção (documentos 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 22 e 23), atualização dos materiais (documentos 10 e 15), correspondência com as bibliografias dos cursos (documentos 2, 3, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15 e 20), estudos da comunidade (documentos 14 e 18) e julgamento por especialistas (documentos 7, 11 e 22);

i) desbaste baseado na obsolescência (documentos 2, 9, 11, 13, 18 e 20), atualização das edições (documentos 3, 4, 5, 10, 14, 15, 16, 17, 19, 21 e 23), correspondência com as bibliografias de cursos (documentos 3, 6, 8, 10 e 15), uso (documentos 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 16, 17, 21, 22 e 23), idade (documentos 1, 2 e 20) e estado de conservação dos materiais (documentos 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22), excesso de duplicatas (documentos 2, 3, 4, 5, 9, 10, 13, 15, 17, 19, 2, 20 e 21), associado ao valor histórico (documentos 3, 8, 9, 13 e 15) e possibilidade de atendimento a outras bibliotecas (documentos 9 e 13).

Com base nesses subsídios, foi elaborada a **última etapa desta pesquisa** que se constituiu em pensar sobre possíveis aspectos que poderiam ser levados em conta para o delineamento de diretrizes para o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias. Com base no anel tetralógico de Morin (1997), as diretrizes foram tecidas na perspectiva da Teoria da Complexidade, procurando levar em conta a multidimensionalidade dos fenômenos, representada aqui pelas diversas dimensões de análise definidas para o desenvolvimento desta pesquisa. O anel tetralógico propõe a interação dialógica entre ordem, desordem e organização e forneceu a base para se pensar tais diretrizes, isto porque resume o pensamento complexo. Nesse processo permeado pela incerteza, é imprescindível respeitar as diversas coerências, trabalhando e aceitando o antagonismo, que são elementos de interação e reorganização de um sistema.

5 O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio

A busca de compreensão do processo de Desenvolvimento de Coleções por intermédio dos princípios da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio foi possível nesta pesquisa com base nas reflexões construídas a partir de premissas evidenciadas nas dimensões analisadas e estão expostas a seguir em diretrizes norteadoras do processo.

Diretriz I - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias seja considerado um processo complexo.

Considerar o Desenvolvimento de Coleções como um processo complexo refere-se à intenção de conceber que existe uma relação entre ordem, desordem e organização, isto é, reconhecer que a biblioteca é uma instituição dinâmica no contexto instável e mutável da Pós-modernidade, resultando que esse processo será permeado por imprevistos e incertezas e modulado pelo embate entre forças que se contradizem, e requer que se considerem os diferentes elementos e dimensões que o compõem e o influenciam, bem como as interações entre eles (MORIN, 2011). O anel tetralógico (figura 3) mostra o que está envolvido nesse processo.

Figura 3. Anel tetralógico do Desenvolvimento de Coleções

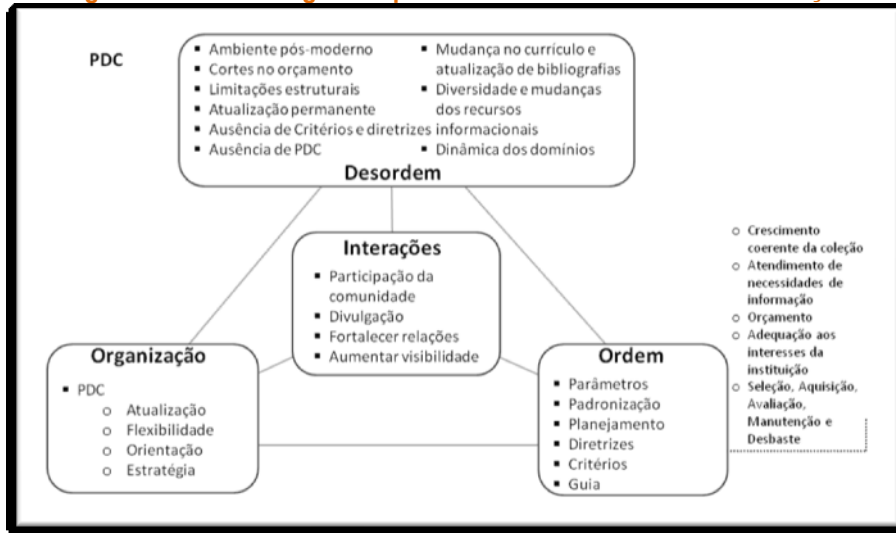


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz II - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções seja delineado por uma política de desenvolvimento de coleções flexível e por estratégias de auto-eco-organização.

A política é um instrumento de planejamento para a formação de coleções que atendam às necessidades informacionais da comunidade acadêmica e aos objetivos institucionais, direcionando o crescimento da coleção e sua atualização permanente e o dimensionamento da distribuição de recursos financeiros. É o documento que aponta o caminho e explicita o que a biblioteca pretende em termos de coleção para colocar à disposição da comunidade acadêmica. As políticas de Desenvolvimento de Coleções das bibliotecas universitárias federais brasileiras são instrumento de planejamento, organização, orientação e acompanhamento para o Desenvolvimento de Coleções, com o estabelecimento de diretrizes e procedimentos, definição de critérios e parâmetros relacionados aos interesses institucionais, prevendo atualização frequente e flexibilidade para acompanhar as transformações no ambiente acadêmico e social. Nesse caso, o anel tetralógico está representado na figura 4 que mostra os fatores intervenientes nesse processo.

Figura 4. Anel tetralógico da política de Desenvolvimento de Coleções.

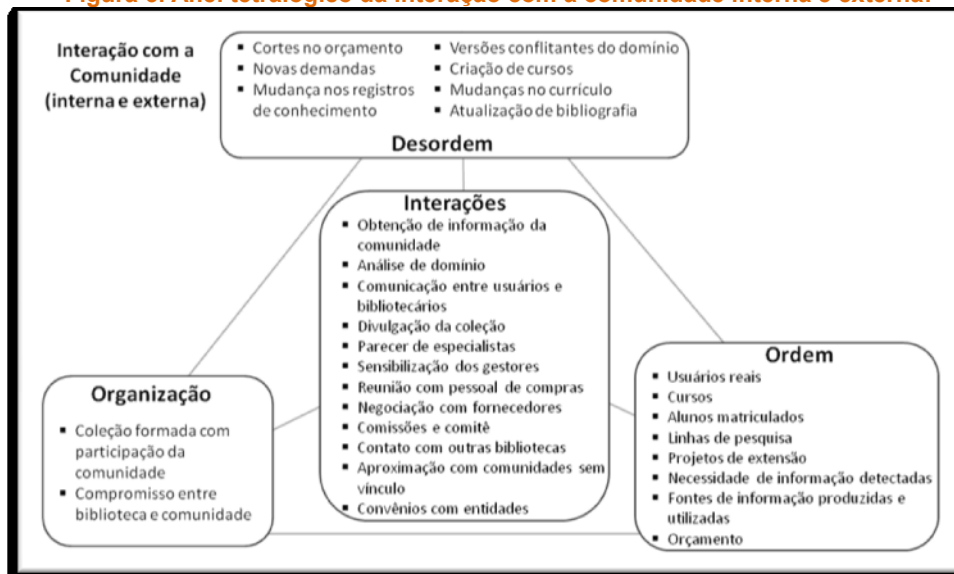


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz III - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções leve em conta a comunidade universitária e a comunidade externa.

Como visto, o Desenvolvimento de Coleções engloba grande número de elementos, que interagem dinamicamente entre si e com o meio, por isso o Desenvolvimento de Coleções não é uma atividade fechada em si mesma. O resultado desse processo também é produto da interação com a comunidade universitária (docentes, alunos, pesquisadores, técnicos, gestores da universidade, departamento de compras e/ou licitações, bibliotecários de referência e do processo técnico,) e comunidade externa (mercado livreiro e editores, bibliotecas de outras instituições, entidades governamentais, comissões de avaliação de cursos e indivíduos sem vínculo formal com a instituição). É essa interação que possibilita a regeneração. A interação supõe condições de encontro. É a abertura que “garante uma relação simultaneamente energética, material, organizacional e existencial com o meio” (MORIN, 1997, p. 187). O anel tetralógico da figura 5 sistematiza os fatores intervenientes.

Figura 5. Anel tetralógico da interação com a comunidade interna e externa.

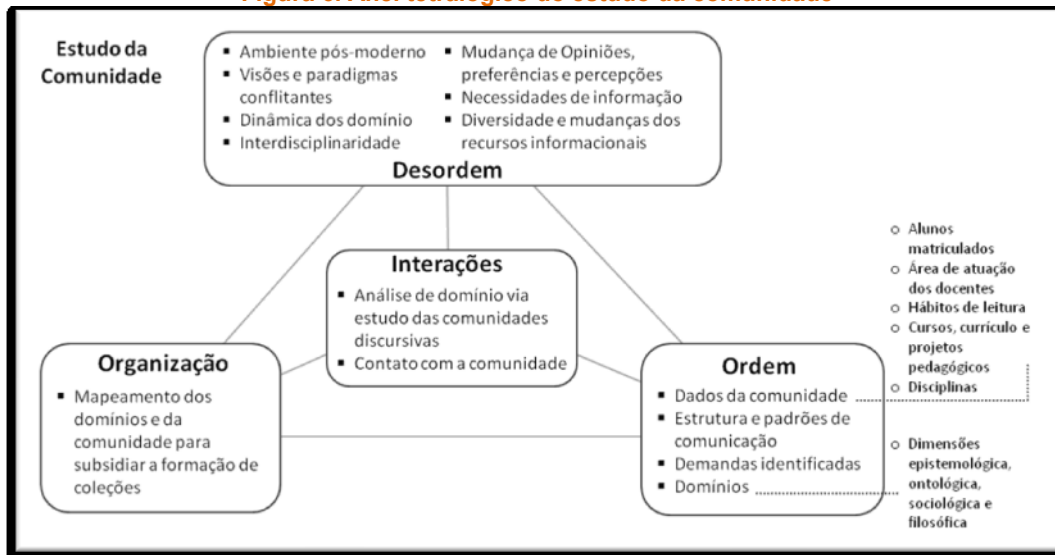


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz IV - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções leve em conta o levantamento de informações da comunidade acadêmica na perspectiva do paradigma social.

O Desenvolvimento de Coleções está relacionado ao conhecimento da comunidade. Assim, além de buscar a interação com a comunidade, recomenda-se levantar informações mais apuradas sobre as suas práticas informacionais, desde a produção ao uso da informação, em uma perspectiva do paradigma social, com o emprego da Análise de Domínio. O anel tetralógico da figura 6 delinea o processo.

Figura 6. Anel tetralógico do estudo da comunidade

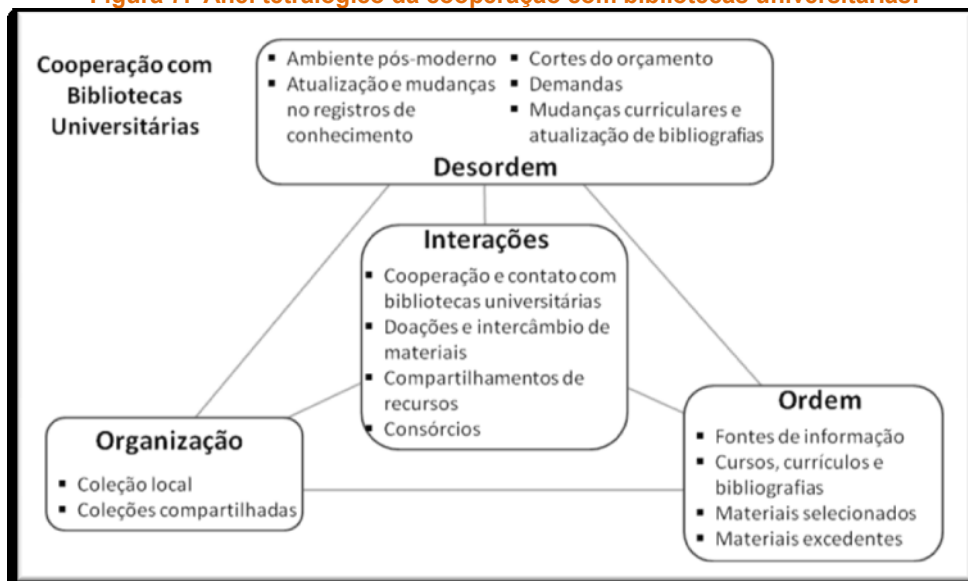


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz V - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções busque apoio e cooperação com outras bibliotecas universitárias.

A interação com o meio é fundamental ao Desenvolvimento de Coleções, e não se resume, como visto, à comunidade acadêmica. Esse processo abrange a interação com outras bibliotecas universitárias para apoio e cooperação, principalmente em tempos de dificuldades financeiras e considerando que as bibliotecas universitárias federais são financiadas pela mesma fonte, o que resulta em possibilidade de maximizar o uso dos recursos de informação disponíveis. Então, os fatores intervenientes nesse processo estão representados no anel tetralógico da figura 7.

Figura 7. Anel tetralógico da cooperação com bibliotecas universitárias.

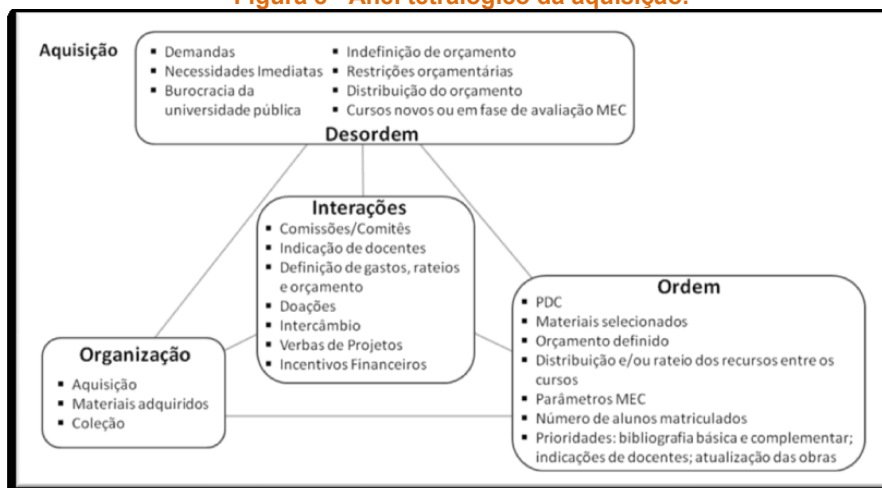


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz VI - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções conte com formas alternativas de se obter recursos financeiros e com procedimentos para o uso desses com eficiência.

A aquisição dos materiais nas bibliotecas universitárias federais também lida com a ordem e a desordem. A definição de um orçamento, distribuição de verbas estabelecidas, os materiais selecionados, prioridades para aquisição e critérios estabelecidos na política de Desenvolvimento de Coleções denotam ordem, ao mesmo tempo em que as questões burocráticas, corte no orçamento, novas demandas oriundas de novos cursos ou atualização de bibliografia trazem desordem à aquisição de materiais e implicam que as bibliotecas busquem formas alternativas para a obtenção de recursos financeiros ou procedimentos para o uso desses com eficiência. O anel tetralógico da figura 8 ilustra o processo.

Figura 8 - Anel tetralógico da aquisição.

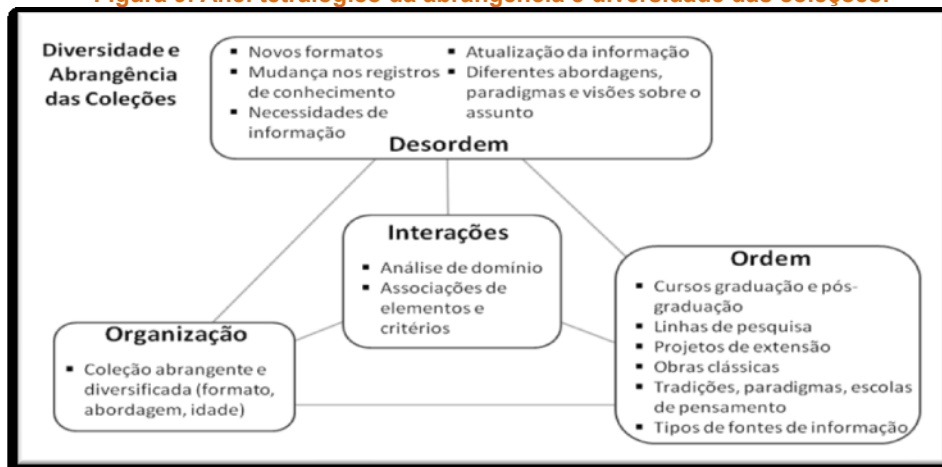


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz VII - Recomenda-se que o Desenvolvimento de Coleções abranja a diversidade de fontes de informação, seja quanto à abordagem, ao formato e à idade dos recursos informacionais.

Recomenda-se contrapor tradições (ordem) e transformações (desordem) para que sejam formadas coleções abrangentes e diversificadas. As coleções são formadas para atender às necessidades informacionais, dar suporte informacional às atividades realizadas na instituição e garantir as condições necessárias de aprendizagem para a comunidade acadêmica. Assim, estão sintonizadas com as necessidades curriculares, de leitura e outras que tragam novas experiências aos usuários. Materiais em diferentes formatos são considerados pelo conteúdo e informação disponibilizada, as versões eletrônicas ampliam as possibilidades de acesso sem limitações espaciais e temporais, por isso as coleções contemplarão diversos tipos de materiais em seus mais variados formatos. O processo está representado no anel tetralógico da figura 9.

Figura 9. Anel tetralógico da abrangência e diversidade das coleções.

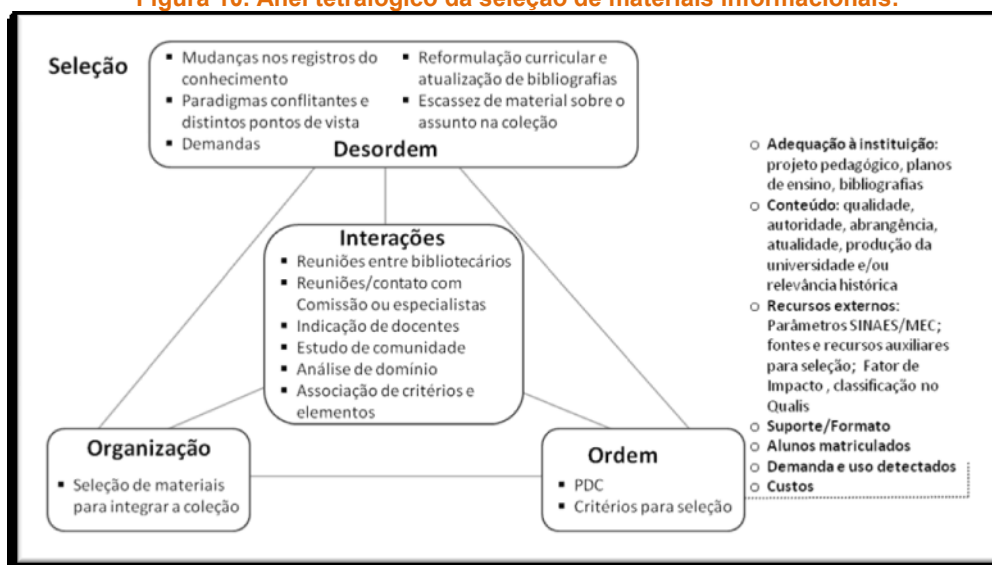


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz VIII - Recomenda-se que, no Desenvolvimento de Coleções, a seleção seja fundamentada na associação de diferentes elementos e critérios.

A seleção baseada no princípio dialógico buscará a contraposição e associação de critérios estabelecidos e de outros elementos relacionados ao Desenvolvimento de Coleções. Logo, também associará a ordem e a desordem presentes no Desenvolvimento de Coleções. Os critérios estabelecidos denotam ordem, uma tentativa de padronização, visam criar uma linha geral de consistência, para garantir uma identidade às coleções, abrangem adequação às atividades da instituição, conteúdo das fontes de informação, demanda detectada, custos, usuários potenciais e atendimento a parâmetros externos, como os estabelecidos pelo Ministério da Educação. Além de associados entre si, os critérios serão associados a outros elementos que denotam desordem, como a atualização e diversificação das fontes de informação, a escassez de material sobre o assunto na coleção, reformulações curriculares e atualização de bibliografias dos cursos, demanda e uso não previstos, paradigmas conflitantes e distintos pontos de vista em um domínio do conhecimento. O processo está representado no anel tetralógico da figura 10.

Figura 10. Anel tetralógico da seleção de materiais informacionais.

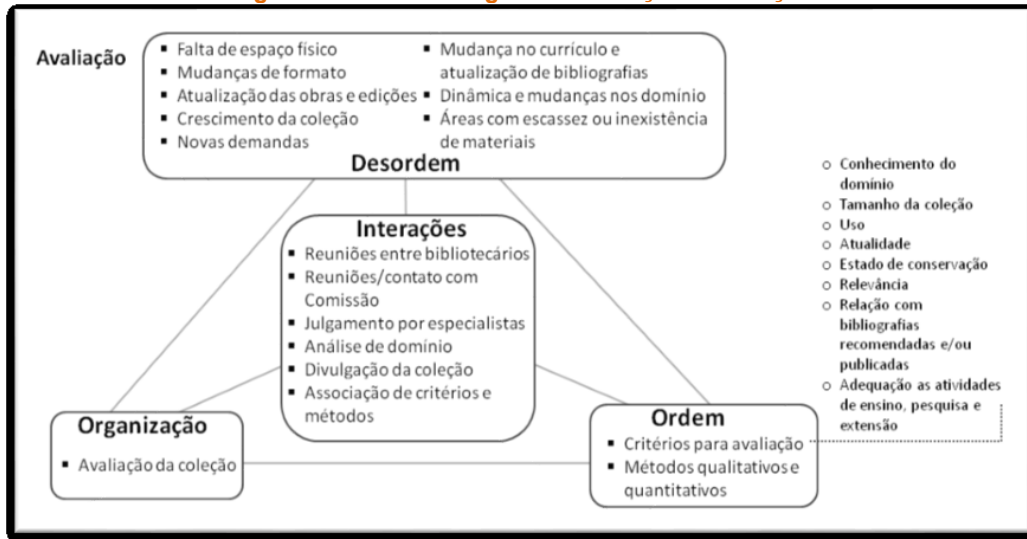


Fonte: desenvolvida pelas autoras com base em Morin (1997).

Diretriz IX - Recomenda-se que, no Desenvolvimento de Coleções, a avaliação oriente-se por uma visão multidimensional.

Considerando a complexidade inerente ao Desenvolvimento de Coleções e aos seus elementos, à ampla gama de recursos de informação e aos dinâmicos ambientes de atuação das bibliotecas acadêmicas, a avaliação da coleção adotará uma visão multidimensional, com a combinação de ampla gama de dados qualitativos e quantitativos e integração de diferentes critérios baseados tanto na coleção, na demanda, nos usuários e atividades institucionais, associados ao conhecimento específico obtido com a Análise de Domínio e a experiência dos bibliotecários. O processo está representado no anel tetralógico da figura 11.

Figura 11. Anel tetralógico da avaliação de coleções.

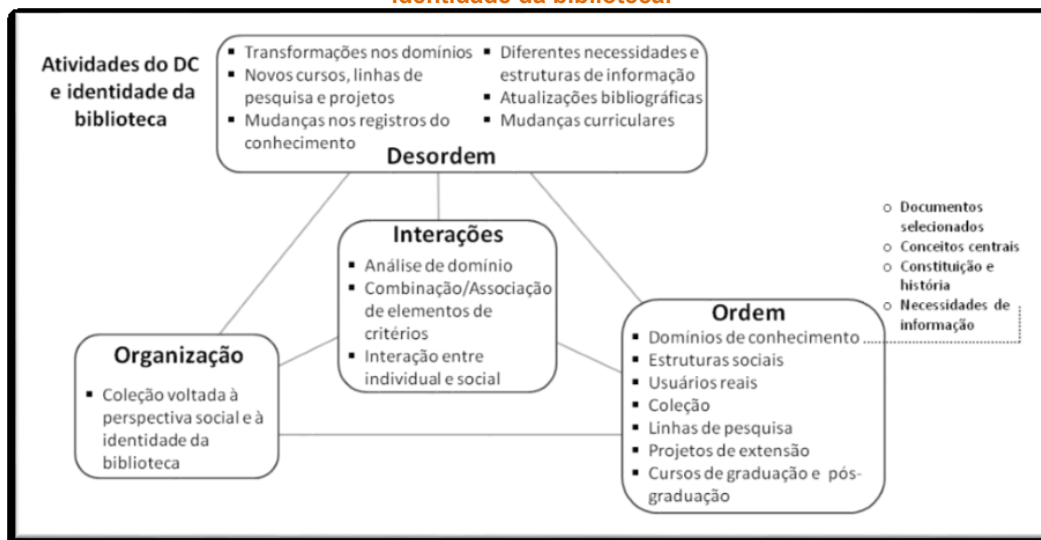


Fonte: desenvolvido pelas autoras com base em Morin (1997)

Diretriz X - Recomenda-se que, no Desenvolvimento de Coleções, a seleção, a avaliação e o desbaste sejam orientados pelo paradigma social via Análise de Domínio e pela manutenção da identidade da biblioteca.

Em consonância com o levantamento de informações da comunidade acadêmica, as demais atividades do Desenvolvimento de Coleções serão orientadas pelo paradigma social. Desse modo, a visão que respalda a seleção, a avaliação e o desbaste irá além dos objetos informacionais transmitidos do emissor ao receptor (paradigma físico) ou do sujeito individual com seus modelos mentais (paradigma cognitivo), e reconhecerá a interação entre o usuário individual e o ambiente social. Dessa forma, levará em conta que os usuários que produzem e utilizam a informação fazem parte de diferentes culturas, estruturas sociais e domínios de conhecimento (paradigma social). A definição de critérios para seleção, avaliação e desbaste com base no domínio relaciona-se à produção e uso da informação pelas comunidades discursivas. Assim, permitirá a manutenção das coleções considerando o papel cultural da biblioteca universitária e sua concepção como um espaço que colaborará no processo de memória científica da humanidade. Ainda, serão levados em consideração a pertinência às atividades da instituição, o valor histórico dos materiais e a possibilidade de atendimento a outras bibliotecas (empréstimo entre bibliotecas, serviço de comutação bibliográfica), contribuindo para a preservação do conhecimento relevante para as comunidades discursivas. O processo está representado no anel tetralógico da figura 12.

Figura 12. Anel tetralógico das atividades do Desenvolvimento de Coleções e manutenção da identidade da biblioteca.



Fonte: desenvolvido pelas autoras com base em Morin (1997)

As diretrizes expostas têm a pretensão de incitar à reflexão, como já explicitado, mobilizar o pensamento sobre novas formas de olhar o processo de Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias. Assim, não pretendem dar conta de todas as especificidades do Desenvolvimento de Coleções, mas apontar alguns caminhos que despertem nos profissionais o reconhecimento da complexidade do processo, permeado de incertezas e mobilizado pela interação entre ordem e desordem. Também se espera que, por intermédio do paradigma social, o usuário e sua comunidade discursiva possam ser evidenciados como parte importante nesse processo.

6 Considerações finais

Pelo prisma da Teoria da Complexidade foram delineadas quatro dimensões de análise, relacionadas com os objetivos específicos desta pesquisa: epistemológica, do pensamento registrado, pensamento institucionalizado e pensamento vigente. A dimensão epistemológica, construída com as aproximações e complementaridades entre a Teoria da Complexidade e a Análise de Domínio, foi associada às demais dimensões, cujos resultados indicaram que o Desenvolvimento de Coleções em bibliotecas universitárias pode ser pensado considerando:

- a) os diferentes elementos, tais como as necessidades de informação da comunidade atendida; o apoio às atividades da instituição, com primazia do ensino; e as mudanças nos registros do conhecimento, com a incorporação de novas formas e suportes para a apresentação da informação;
- b) as restrições orçamentárias, que afetam diretamente a aquisição de materiais e impulsionam as bibliotecas a buscarem formas alternativas para tal, como doações, intercâmbio e compartilhamento de recursos e aquisição de materiais somente quando solicitados;
- c) a seleção balizada predominantemente pela demanda explicitada pelas indicações dos docentes e bibliografias de curso, também considera o conteúdo dos documentos e informações sobre o assunto, com o emprego de ferramentas e instrumentos de apoio;
- d) a rapidez e o imediatismo para atender às necessidades de informação, com a implantação de programas de aquisição sob demanda ou orientados pelo usuário, suprimindo a seleção realizada pelo bibliotecário ancorada em critérios consistentes;
- e) as preferências, práticas de leitura e percepções da comunidade acerca dos recursos informacionais;
- f) a participação da comunidade acadêmica, além da explicitação das necessidades de informação, com o envolvimento na elaboração da política de desenvolvimento e na formação das coleções;
- g) a elaboração da política de Desenvolvimento de Coleções flexível relacionada à missão da instituição, à cultura organizacional e a uma visão mais ampla do ambiente;
- h) a política de Desenvolvimento de Coleções como instrumento de planejamento das coleções, orientação das atividades para a garantia da manutenção da identidade da coleção e divulgação da mesma;
- i) a avaliação das coleções orientada pela associação de diferentes critérios, métodos e elementos, buscando a multidimensionalidade;
- j) a ampliação da concepção de coleção com a incorporação e acesso a materiais para diferentes usos acadêmicos, inclusive com digitalização de conteúdos, criação de repositórios institucionais e portais de periódicos de acesso aberto, destaque para coleções especiais, produção científica institucional e curadoria de dados de pesquisa, além de materiais em formatos eletrônicos;
- k) a divulgação da coleção e ampliação da sua visibilidade;
- l) a manutenção da coleção com base no papel cultural da biblioteca e sua identidade, pertinência das coleções às atividades da instituição, valor histórico e possibilidade de atendimento a outras bibliotecas.

Assim, a Teoria da Complexidade inspirou pensar o Desenvolvimento de Coleções considerando várias dimensões, contrapondo e associando noções e elementos antagônicos, buscando associar ordem e desordem, considerando a coexistência dessas, para conceber a organização de diretrizes orientadas pelo anel tetralógico da Complexidade. A Análise de Domínio respaldou pensar o Desenvolvimento de Coleções pela perspectiva do paradigma social, buscando conceber o desenvolvimento das coleções em conexão com os indivíduos

pertencentes a comunidades discursivas, compreendendo que as necessidades de informação dos indivíduos são associadas ao conhecimento produzido e utilizado no domínio e à organização do conhecimento, e também que tais indivíduos são influenciados por fatores culturais e sociais.

Portanto, espera-se que o pensar sobre as diretrizes para o Desenvolvimento de Coleções desta pesquisa baseado no anel tetralógico de Morin e na Análise de Domínio possa ter contribuído para o desnudamento e a explicitação de questões que envolvem esse processo em bibliotecas universitárias, com base na interação de elementos provenientes da ordem/desordem/organização. Desta forma, procurou-se mostrar que as coleções podem refletir a identidade dessas bibliotecas, reforçar o seu papel como instituições do saber e como participantes ativas no processo de aprendizagem nas universidades e que, ainda, podem corresponder aos anseios da comunidade e ao mesmo tempo preservar a herança cultural e científica da humanidade.

Para finalizar, é preciso explanar algumas limitações desta pesquisa. O olhar sob o Desenvolvimento de Coleções à luz da Teoria da Complexidade não foi tarefa simples e fácil, apesar de ser evidente que essa perspectiva permeava naturalmente todo o objeto de estudo e o próprio processo de pesquisa o tempo inteiro. A escolha da Análise de Domínio para aproximar a abordagem da Ciência da Informação, em função de sua subjetividade, também foi um desafio. As multidimensionalidades analisadas como estratégias da pesquisa foram restritas a quatro, por conta da exigência científica de se fazer um recorte, o que impôs a necessidade de se fazer escolhas dentre as muitas possibilidades existentes. Os resultados da pesquisa levam a crer que foram escolhas frutíferas, embora se reconheça que outras opções poderiam fornecer os elementos necessários ao desenvolvimento desta pesquisa. Os resultados desta pesquisa apontam caminhos para futuras pesquisas, como por exemplo, comparar tais resultados com visões de pesquisadores que estudam essa temática em nível nacional e internacional.

Também é preciso lembrar que a Complexidade, no sentido de Morin, como resultado de análise não pode ser confundida com completude. Como conhecimento alimenta-se do incerto e do indizível e como referencial teórico-metodológico não tem receita pronta a ser seguida. Nesse sentido, foi uma janela conceitual, uma lente cultural, que ajudou a perceber, interpretar e compreender o processo de Desenvolvimento de Coleções da forma como foi apresentado neste artigo.

Referências

ADEYOMOYE, J. I. An assessment of the impact of Nigerian Book Foundation (NBF) on the development of library collections in private university libraries in South-West geo-political zone of Nigeria. **Library Philosophy and Practice**, n. 4, p. 1-10, 2011. Disponível em:

<<http://go.galegroup.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?id=GALE%7CA256863798&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w&asid=640f27bcec7a9f2810b118cfaaae12d7>>. Acesso em: 09 maio 2015.

BEHR, M.; HILL, R. Mining e-reserves data for collection assessment: an analysis of how instructors use library collections to support distance learners. **Journal of Library & Information Services in Distance Learning**, v. 6, n. 3-4, p. 159-179, 2012.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOOTH, H. A.; O'BRIEN, K. Demand-driven cooperative collection development: three case studies from the USA.

Interlending & Document Supply, v. 39, n. 3, p. 148-155, 2011. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1108/02641611111164636>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

BORIN, J.; YI, H. Assessing an academic library collection through capacity and usage indicators: testing a multi-dimensional model. **Collection Building**, v. 30, n.3, p. 120-125, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111146956>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

BOUDEWYNS, D. K.; KLUG, S. L. Collection development strategies for community engagement. **Collection Management**, v. 39, p. 145-160, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.890994>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.1-15.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, 2007.

CHAPUTULA, A. H. Collection development practices in private university libraries in Malawi: the case of University of Livingstonia and Adventist University Libraries. **Library Management**, v. 35, n.3, p. 150-163, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/LM-06-2013-0050>>. Acesso em: 02 jun. 2015

CHAPUTULA, A. H.; KANYUNDO, A. J. Collection development policy: how its absence has affected collection development practices at Mzuzu University Library. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 46, n. 4, p. 317-325, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0961000614531005>>. Acesso em: 02 jun. 2015

COSTELLO, B. K. Does book subject influence format preference? survey results from a sample of graduate business school students, staff, and faculty. **Journal of Business & Finance Librarianship**, v. 19, p.319-332, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/08963568.2014.946375>>. Acesso em: 9 set. 2016.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DANIELSON, R. A dual approach to assessing collection development and acquisitions for academic libraries. **Library Collections, Acquisition and Technical Services**, v. 36, n.3-4, p. 84-96, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.lcats.2012.09.002>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

DAVIS, K. Shared patron-driven acquisition within a consortium: the OCUL PDA Pilot. **Serials Review**, v. 38, p. 183-187, 2012.

DEMPSEY, L.; MALPAS, C.; LAVOIE, B. Collection directions: the evolution of library collections and collecting. **Portal:Libraries and the Academy**, v. 14, n.3, p. 393-423, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1353/pla.2014.0013>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DETMERING, R.; SPROLES, C. Reference in transition: a case study in reference collection development. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 19-22, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199146>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DIERS, B.; SIMPSON, S. At your leisure: establishing a popular reading collection. **Evidence Based Library and Information Practice**, v. 7, n. 2, p. 49-66, 2012.

DOUGLAS, C. S. Revising a collection development policy in a rapidly changing environment. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v.8, n.1, p. 15-21, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/15424065.2011.551487>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

DOWNEY, K. et al. A comparative study of print book and dda ebook acquisition and use. **Technical Services Quarterly**, v. 31, p. 139-160, 2014.

DUNCAN, C. J.; O'GARA, G. M. Building holistic and agile collection development and assessment. **Performance Measurement and Metrics**, v. 16, n. 1, p. 62-85, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/PMM-12-2014-0041>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

FERRIS, K.; BUCK, T. H. An ethos of access: how a small academic library transformed its collection-building processes. **Collection Management**, v. 39, n. 2-3, p. 127-144, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.900732>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

FOUGHT, R. L.; GAHN, P.; MILLS, Y. Promoting the library through the collection development policy: a case study. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 11, n. 4, p. 169-178, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/15424065.2014.969031>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

GIRI, R.; SEM, B.K.; MAHESH, G. Collection development in indian academic libraries: an empirical approach to determine the number of copies for acquisition. **Journal of Library & Information Technology**, v. 35, n. 3, p. 184-192, may 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14429/djlit.35.3.7806>>. Acesso em: 9 set. 2016.

GRGIC, I. H. Gifts in Croatian public and academic libraries. **Collection Building**, v. 30, n.4, p. 167-171, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111181137>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

HJØRLAND, B. Arguments for philosophical realism in library and information science. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 488-506, 2004a.

HJØRLAND, B. Domain analysis: a socio-cognitive orientation for Information Science research. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v. 30, n.3, 2004b. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/February/HJØRLAND.html>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science eleven approaches traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 442-462, 2002a.

HJØRLAND, B. Epistemology and the sócio-cognitive perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002b.

HJØRLAND, B. What is knowledge organization? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

HJØRLAND, B.; HARTEL, J. Afterword: ontological, epistemological and sociological dimensions of domains. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 3/4, p. 239-245, 2003.

HUSSAIN, A.; ABALKHAIL, M. Determinants of library use, collections and services among the students of engineering: a case study of King Saud University. **Collection Building**, v. 32, n.3, 100-110, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/CB-07-2012-0033>>. Acesso em 02 jun. 2015.

JINDAL, S.; PANT, A. Availability of e-books in science: case study of University of Delhi. **The Electronic Library**, v.31, p. 313-328, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/EL-12-2010-0159>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

JOHNSON, A. M.; FINLEY, S.; SPROLES, C. Dismantling the reference collection. **The Reference Librarian**, v. 56, p. 161-173, 2015. Disponível em: <<http://doi.org/1080/02763877.2014.994192>>. Acesso em: 12 set. 2016.

KACHALUBA, S. B.; BRADY, J. E.; CRITTEN, J. Developing humanities collections in the digital age: exploring humanities faculty engagement with electronic and print resources. **College & Research Libraries**, v. 75, n. 1, p. 91-108, jan. 2014.

KASALU, S.; OJIAMBO, J. B. Application of ICTs in collection development in private university libraries in Kenya. **Collection Building**, v. 31, n.1, p. 23-31, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199155>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

KELLY, M. Applying the tiers of assessment: a holistic and systematic approach to assessing library collections. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 40, p. 585-591, 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133314001803>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

KETTERMAN, Elizabeth; HOOVER, Jeanne; CABLE, Kathy. Creating a shared neuroscience collection development policy. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 9, n. 3, p. 197-203, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15424065.2012.707076>>. Acesso em: 12 maio 2016.

KIEFT, R. H.; PAYNE, L. Collective collection, collective action. **Collection Management**, v. 37, n. 3-4, p. 137-152, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2012.685411>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

KOHN, K. C. Usage-based collection evaluation with a curricular focus. **College & Research Libraries**, v. 74, n. 1, p. 85-97, 2013. Disponível em: <<http://crl.acrl.org/content/74/1/85.full.pdf+html>>. Acesso: 15 jan. 2015.

LADWIG, J. P.; MILLER, T. D. Are first-circulation patterns for monographs in the humanities different from the sciences? **Library Collections, Acquisitions, and Technical Services**, v. 37, n. 3-4, p. 77-84, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANNON, A.; MCKINNON, D. Business e-books: what can be learned from vendor supplied statistics? **Journal of Business & Finance Librarianship**, v. 18, p. 89-99, 2013.

LAWSON, K.; KING, C.; MATAVA, T. Interdisciplinarity on campus: how the publishing world is responding. **Collection Building**, v. 31, n.1, p. 4-10, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199119>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

LEVINE-CLARK, M. Access to everything: building the future academic library collection. **Portal: Libraries and the Academy**, v. 14, n. 3, p. 425-437, 2014.

LEWIS, D. W. From stacks to the Web: the transformation of academic library collecting. **College and Research Libraries**, v. 74, n. 2, p. 159-176, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.5860/crl-309>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

LINK, F. E. Are we there yet? An analysis of e-book equivalent coverage in highly-circulated titles at the College of New Jersey library. **Collection Building**, v. 31, n. 4, p. 132-135, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/01604951211274034>>. Acesso em: 01 fev. 2015.

LITTLE, G. Collection development in library and information science at ARL libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 3, p. 135-139, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111146983>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

MANGRUM, S.; POZZEBON, M. E. Use of collection development policies in electronic resource management. **Collection Building**, v. 31, n. 3, p. 108-114. 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211243506>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

MARSHALL, D. H. Digital collection development for unique users: a veterinary medicine library's approach. **Interlending & Document Supply**, v. 42, n. 4, p. 171-175, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/ILDS-09-2014-0041>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

MICHALAK, S. C. This changes everything: transforming the academic library. **Journal of Library Administration**, v. 52, p. 411-423, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2012.700801>>. Acesso em: 10 set. 2016.

- MILLER, A.; HARDER, K. J. Integration of Library Impact Statements into the Curricular Review Process. **Journal of Library Administration**, v. 54, p.543–561, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2014.964016>>. Acesso em: 08 set. 2016.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. da (Org.). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura.3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003a. p. 13-36.
- MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORIN, E. Entrevista. In: IDÉIAS contemporâneas: entrevistas do Le Monde. São Paulo: Ática, 1989. p. 33-40.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. **O método 1**: a natureza da natureza. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MORIN, E. **O método 2**: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MORIN, E. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003b.
- MORIN, E.; CIURANA, E.-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.
- MORRIS, E. B. Building a collection in electronic music: considerations and sources. **Music Reference Services Quarterly**, v. 15, n. 1, p. 34-40, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/10588167.2012.647588>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
- MORRIS, S. E.; CURRIE, L. Remember me? content development in a user-centered services library. **Collection Management**, v. 39, n. 2-3, p. 96-109, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01462679.2014.891493>>. Acesso em: 01 dez. 2015.
- PEDERSEN, W. A.; ARCAND, J.; FORBIS, M. The big deal, interlibrary loan, and building the user-centered journal collection: a case study. **Serials Review**, v. 40, n. 4, p. 242-250, 2014.
- PEOPLES, B.; TILLEY, C. Podcasts as an emerging information resource. **College & Undergraduate Libraries**, v. 18, p.44–57, 2011.
- PERRET, R. Wanted dead or alive? Western genre items in the 21st century United States library. **Library Collections, Acquisition and Technical Services**, v. 36, n. 1-2, p. 39–52, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.lcats.2012.03.003>>. Acesso em: 01 jun. 2015.
- PICKETT, C. et al. Revisiting an abandoned practice: the death and resurrection of collection development policies. **Collection Management**, v. 36, n. 3, p. 165-181, 2011.
- PROCTOR, J. Demand-driven acquisition and the sunk cost model. **Collection Building**, v. 34, n. 1, p. 2-5, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/CB-06-2014-0033>>. Acesso em: 1 jun. 2015.
- PROCTOR, J.; BARSTOW, S. Partly cloudy with a chance of entertainment: an academic library's experience with a popular reading ebook resource. **Journal of Library Administration**, v. 53, n. 7-8, p. 401-411, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01930826.2013.882193>>. Acesso em: 21 dez. 2015.
- SAN JOSE MONTANO, B. The new paradigm of collection management in university libraries: from crisis to revolution. **Collection Building**, v. 33, n. 3, p. 90-97, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/CB-02-2014-0012>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
- SCHROEDER, H. M. Acquiring, promoting, and analyzing nursing e-books: one academic library's experiences. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v.9, n.3, p.184-196, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/15424065.2012.707082>>. Acesso em: 21 maio 2015.
- SCHROEDER, R. When patrons call the shots: patron-driven acquisition at Brigham Young University. **Collection Building**, v. 31, n. 1, p. 11–14, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211199128>>. Acesso em: 08 jun. 2015.
- SHEPHERD, J.; ARTEAGA, R. Social work students and e-books: a survey of use and perception. **Behavioral & Social Sciences Librarian**, v. 33, n. 1, p. 15-28, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01639269.2014.866022>>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- SMITH, S. L. Weeding considerations for an academic music collection. **Music Reference Services Quarterly**, v. 15, p. 22-33, 2012.

SONDERGAARD, T. F.; ANDERSEN, J.; HJORLAND, B. Documents and the communication of scientific and scholarly information: revising and updating the UNISIST model. **Journal of Documentation**, v. 59, n.3, p.278-320, 2003.

SOUZA, J. S. A participação do bibliotecário no acompanhamento de ementas de projetos pedagógicos para adequação do acervo: Universidade Federal do Vale do São Francisco – Campus Serra da Capivara. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, p.114-127, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20736>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SPAHR, K.; WIEGAND, S. Library collections for the support of academic sport management programs. **Journal of Business & Finance Librarianship**, v.17, n. 3, p. 220-241, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/08963568.2012.686150>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SPENCE, M.; MAWHINNEY, T.; BARSKY, E. How much is enough? examining computer science and civil engineering citation data to inform collection development and retention decisions in three large Canadian University libraries. **Issues in Science and Technology Librarianship**, v.71, p. 1-9, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.5062/F4ZS2TF7>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

TALER, I. The jewish studies book awards: a collection development strategy for non-sectarian academic libraries. **Collection Building**, v. 30, n. 1, p. 11-38, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951111104998>>. Acesso em: 29 maio 2015.

TENNIS, J. T. Two axes of domains for domain analysis. **Knowledge Organization**, v.30, n. 3/4, p.191-195, 2003.

THOMAS, C. M.; CLYDE, J. Game as book: Selecting video games for academic libraries based on discipline specific knowledge. **Journal of Academic Librarianship**, v. 39, n. 6, p. 522–527, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1016/j.acalib.2013.07.002>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

THOMAS, W. J.; SHOUSE, D. L. Rules of thumb for deselecting, relocating, and retaining bound journals. **Collection Building**, v. 31, n. 3, p. 92-97, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1108/01604951211243470>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

TOREN, B. J. Bam! pow! graphic novels fight stereotypes in academic libraries: supporting, collecting, promoting. **Technical Services Quarterly**, v. 28, p. 55–69, 2011.

TYLER, D.C et al. Don't fear the reader: librarian versus interlibrary loan patron-driven acquisition of print books at an academic library by relative collecting level and by library of congress classes and subclasses. **College & Research Libraries**, v. 75, n. 5, p. 684-704, 2014.

TYNAN, M.; MCCARNEY, E.. Click here to order this book: a case study of print and electronic patron-driven acquisition in University College Dublin. **New Review of Academic Librarianship**, v. 20, n. 2, p. 233-250, 2014.

UNESCO. **Política de mudança e desenvolvimento do ensino superior**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

VASILEIOU, M.; ROWLEY, J.; HARTLEY, R. Perspectives on the future of e-books in libraries in universities. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 44, n.4, p. 217-226, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0961000611434759>>. Acesso em 02 jun. 2015.

WEITZEL, S. R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2013.

WELLS, D.; SALLENBACH, A. Books and e-books in an academic library. **The Australian Library Journal**, v. 64, n. 3, p. 168-179, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00049670.2015.1041216>>. Acesso em: 9 set. 2016.

Dados dos autores

Liliane Vieira Pinheiro

Possui graduação em Biblioteconomia (2004), mestrado (2007) e doutorado (2017) em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

liliane.pinheiro@ufsc.br

Lígia Maria Arruda Café

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsita de produtividade em pesquisa (PQ/CNPq). Possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília (1984), mestrado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília (1988) e doutorado em Linguística - Université Laval Canadá (1999).

ligia.cafe@ufsc.br

Edna Lúcia da Silva

Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1976), mestrado (1987) e doutorado (1998) em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro -CNPq/IBICT.

edna.l.s@ufsc.br

Recebido - Received: 2017-08-08

Aceitado - Accepted: 2018-12-11

¹ Como se constatou que falta consenso na literatura quanto às diferenças no uso dos termos coleção e acervo, nesta pesquisa, optou-se pelo uso do termo coleção ou coleções no plural na acepção indicada acima no texto.

² sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil, acessado via endereço eletrônico <http://emec.mec.gov.br/>.

³ grupo que avalia o desempenho de mais de 4500 instituições de 85 países, de acordo com seis indicadores: a reputação acadêmica, a reputação entre empregadores, a relação entre corpo docente e estudantes, as citações por docentes, os estudantes internacionais e os docentes internacionais.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 United States License.



This journal is published by the University Library System of the University of Pittsburgh as part of its D-Scribe Digital Publishing Program and is cosponsored by the University of Pittsburgh Press.